

A “GRAMÁTICA DAS CULTURAS DA INFÂNCIA”: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO EM COMPANHIA DAS CRIANÇAS

Yamilli Karen Rodrigues de Pinho da Matta

Universidade Federal do Espírito Santo/UFES

prof.yamilli@hotmail.com

INTRODUÇÃO

As crianças e suas culturas emergem como um interessante objeto de estudo, que apesar de na contemporaneidade já possuir um volume considerável de pesquisas que orbitam em torno dessa temática, ainda se mostra um campo que necessita ser explorado, tendo em vista que por muito tempo a condição da criança, contribuiu para sua invisibilidade não somente nas discussões acadêmicas, como também no tecido social. Sarmiento (2003a, p. 3), afirma que “[...] apesar de ter havido sempre crianças, seres biológicos de geração jovem, nem sempre houve infância, categoria social de estatuto próprio”, ou seja, segundo o autor a ideia de infância é uma ideia moderna.

Ariès (1986), por meio da historiografia da infância, apontou para a consciência social da existência do sentimento da infância, como um constructo histórico, produto de um processo complexo de representações das crianças, em um mundo que até então não havia lhe destinado um lugar. A partir da análise de diferentes obras de arte, que retratavam crianças, substancialmente da corte e da alta burguesia, o autor nos apresenta como o surgimento do sentimento da infância vai se configurando, à medida que a criança passa a ser distinguível do adulto, com o desenvolvimento da consciência da particularidade infantil. Isso colaborou para o rompimento de seu anonimato e gradativamente lhe possibilitou assumir o lugar central dentro da família. Contudo, é importante considerar que apesar das crianças terem logrado certo reconhecimento, elas ainda permaneceram na condição de objetos e não de sujeitos.

Tendo em vista o impacto das transformações da modernidade e os próprios efeitos das mudanças sociais de nosso tempo, na construção da normatividade da infância contemporânea, ao contrário da ideia do “desaparecimento da infância”, tão familiar nos discursos do senso comum – e presente até mesmo no meio acadêmico em um determinado período histórico (POSTMANN, 1999), Sarmiento e Machi (2008, p. 17)

afirmam que “o que está desaparecendo ou sofrendo um grande processo de transformação é um determinado modelo de infância/criança”.

Ao pensar acerca do suposto esgotamento do modelo ideal de criança e infância, imposto pela modernidade, cabe refletirmos acerca das transformações ocorridas na segunda modernidade, que apontam para a “radicalização da infância” (MARCHI, 2007), e que mesmo em meio a essas circunstâncias controversas, nos tem revelado a pluralidade nos modos de ser criança, a heterogeneidade da infância, além do investimento das crianças em novos papéis e estatutos sociais (SARMENTO, 2003a).

Sarmento (2003a) aponta que as culturas infantis também são objeto de pluralização e diferenciação, contudo, o autor destaca a existência de traços distintivos que permanecem em uma gramática própria da cultura da infância. Esta gramática se trata de “regras de estruturação simbólica” (SARMENTO, 2003b, p. 10), ou seja, uma normatividade simbólica que segundo ele se expressa pelas dimensões da semântica, sintaxe e morfologia. Na qual a semântica refere-se à capacidade da criança em atribuir sentidos e significados de modo relativamente autônomos, a sintaxe trata da associação desses sentidos e significados e a morfologia aborda as diversas formas que os elementos que constituem as culturas infantis podem assumir. Por fim, Sarmento (2003a) salienta que para compreender a dinâmica da gramática das culturas da infância, é necessário levar em consideração a interatividade, a ludicidade, a fantasia do real e a reiteração, como os eixos estruturadores das culturas infantis.

Conforme Sarmento (2003a), a análise das culturas infantis, por meio de sua gramática, pode se constituir em um importante objeto para compreender as mudanças, contradições e complexidades da sociedade contemporânea. Deste modo, a partir das reflexões teóricas propostas pelo autor acerca da gramática das culturas da infância e em diálogo com as contribuições da historiografia da infância (ARIÉS, 1986), da sociologia da infância (SARMENTO, 2003a; 2003b; CORSARO, 2011), da antropologia da infância (COHN, 2005) e da geografia da infância (LOPES, 2018), esta pesquisa propõe investigar como a gramática das culturas da infância revela o lugar social que as crianças constroem por meio das suas experiências dentro e fora da instituição de educação infantil.

METODOLOGIA

Considerando que a gramática das culturas da infância se expressa por meio das culturas infantis, se faz necessário observar diretamente o que as crianças fazem e ouvir o que dizem, já que para Graue e Walsh (2003, p. 25), “pensar nas crianças sem tomar em consideração as situações da vida real é despir de significado tanto as crianças como as suas ações”. Deste modo, com o objetivo de realizar uma pesquisa de abordagem qualitativa, em companhia das crianças, optamos pela etnografia como nosso percurso metodológico. Em razões éticas, adotamos nomes fictícios para todos os sujeitos envolvidos na pesquisa. No caso das crianças, os nomes foram escolhidos por elas mesmas.

Como campo de pesquisa privilegamos uma classe de educação infantil multisseriada, com 13 crianças de 4 e 5 anos de idade, em uma instituição pública de ensino, localizada no contexto rural do município de Guarapari/ES. Para a observação das práticas cotidianas vividas fora da instituição escolar, convidamos as duas crianças que moram mais próximas da escola. Utilizamos como estratégias para interpretação e registros dos dados e acontecimentos, a observação participante, rodas de conversas, brincadeiras e andanças com as crianças, além de registros fotográficos e em diário de campo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Investigar como a gramática das culturas da infância revela o lugar social construído pelas crianças, por meio de experiências que compartilham com seus pares e com os adultos, pode descortinar modos outros de conviver para além do espaço escolar. Já que as crianças, as mesmas crianças que por tanto tempo permaneceram recolhidas na sua mera elementaridade e invisibilidade, são capazes de transgredir as razões de uma sociedade atravessada pelo individualismo, indiferença, injustiça, exclusão e discriminação, ao empreender outras possibilidades de viver, são mobilizadas por lampejos de solidariedades, afetos, amizades e cumplicidades (ARAÚJO, 2018; 2019a; 2019b).

Por meio da gramática das culturas da infância, as crianças podem revelar outros modos de viver, e ao fazer isso, não ressignificam apenas suas experiências, mas o próprio contexto onde habitam. Ir ao encontro delas é também se lançar a enxergar o mundo sob outra lógica, é deixar-se mobilizar pelo modo próprio delas serem

produzidas e produzirem culturas, é reconhecer, sobretudo, que possuem coisas a nos dizer e também a nos ensinar. Ao reconhecer que as crianças têm algo a nos ensinar, sincronicamente assumimos o compromisso de interpelar não somente nossa responsabilidade como adultos, em apresentar o mundo às crianças, mas também o papel da educação infantil em iniciar as crianças neste mundo.

CONCLUSÃO

Escutar o que as crianças moradoras do campo nos têm a dizer e como o fazem, são pistas valiosas que nos indicam que elas se expressam de uma maneira própria, por meio de uma cultura própria. Investigar as culturas infantis a partir da gramática das culturas da infância, se constituir em um importante modo de enxergar por meio das experiências das crianças, formas outras de compreender as mudanças, contradições e complexidades da sociedade contemporânea, além de se constituir em um importante objeto para compreender o lugar social que as crianças constroem, por meio de suas culturas de pares, tarefa esta que se encontra em boa medida a ser realizada, haja vista o ainda escasso volume de pesquisas e publicações com esta abordagem.

Ir ao encontro das culturas infantis, nos permite reconhecer que as crianças produzem uma gramática própria, desvelada por meio de suas experiências dentro e fora da instituição de educação infantil, nos permitindo perceber não somente o lugar social destinando a elas, mas, sobretudo o lugar social que elas constroem. Propor uma pesquisa acerca das culturas infantis e de modo mais aprofundado buscar compreender o que a conforma em uma cultura é um desafio que precisa ser enfrentado por nós que nos interessamos em pesquisar as crianças e suas infâncias. Apesar do acúmulo de pesquisas em torno das culturas infantis, é notório que o tema ainda precisa ser problematizado sob outras perspectivas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Vania Carvalho. **A cidade na infância, a infância na cidade**. Juiz de Fora: Educação em Foco, v. 23, n. 3, p. 715-736, set./dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/20099>>. Acesso em: 2 jul. 2019.

_____. **Crianças em tempos sombrios e as possibilidades do (com) viver na cidade**. Vitória: Cadernos de Pesquisa em Educação, v. 21, n. 49, p. 135-150, jan./jun. 2019a.

Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/educacao/article/view/26106/pdf>>. Acesso em: 4 jul. 2019.

_____. **Quando as crianças nos ensinam sobre a cidade**. Curitiba: Educar em Revista, v. 35, n. 75, p. 319-334, mai./jun. 2019b. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/v35n75/1984-0411-er-35-75-0319.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Guanabara: 1986.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CORSARO, William. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

GRAUE, Maria Elizabeth; WALSH, Daniel J. **A investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

LOPES, Jader Janer Moreira. **Geografia e educação infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2018.

MARCHI, Rita de Cássia. **Os sentidos (paradoxais) da infância nas ciências sociais: uma abordagem da sociologia da infância sobre a “não-criança” no Brasil**. 2007. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Programa de Pós-graduação em Sociologia e Ciência Política, Universidade Federal de Santa Catarina.

POSTMANN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

SARMENTO, Manuel José. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade**. Braga: Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 2003a. (texto digitado). Disponível em: <<https://docplayer.com.br/11165-As-culturas-da-infancia-nas-encruzilhadas-da-2a-modernidade.html>>. Acesso em: 18 set. 2017.

_____. **Imaginário e culturas da infância**. Pelotas: Cadernos de Educação, n. 21, 2003b. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/1467>>. Acesso em: 20 set. 2017.

SARMENTO, Manuel Jacinto; MARCHI, Rita de Cássia. **Radicalização da infância na segunda modernidade: para uma sociologia da infância crítica**. Revista Configurações. Revista do Centro de Investigação em Ciências Sociais da Universidade do Minho. n. 4, p. 91-113, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/36735>>. Acesso: 12 fev. 2019.